

História

Carolina Cordeiro Mazzanillo

História completa

P - Para começar, seu nome completo, data e local de nascimento.

R - Meu nome é Carolina Cordeiro Mazzanillo, eu nasci em São Paulo, no dia 7 de agosto de 1981.

P - Qual é a sua atividade?

R - Atualmente eu sou estagiária da Secretaria Municipal de Comunicação e Informação Social. Na assessoria de imprensa da prefeita do município.

P - O que você faz nessa assessoria?

R - Eu entrei na secretaria municipal como estagiária no ano passado, fez um ano agora esse mês que eu estou lá. Nos primeiros meses eu trabalhei na rádio escuta, que muita gente não sabe o que é, mas é onde tem um monitoramento com televisões e rádios onde você acompanha tudo que é dito, bem ou mal, sobre a prefeitura de São Paulo, e é dali que saem as informações que vão para a prefeita ou as respostas para os meios de comunicação. Eu fiquei mais ou menos uns sete meses trabalhando lá e agora eu estou na coordenadoria geral de imprensa como estagiária. Lá nós produzimos as notícias, na verdade eu ajudo, quem faz mesmo as coisas são os jornalistas formados, então a gente dá um auxílio para eles para produzir os releases sobre o que está acontecendo, os eventos de que a prefeita participa e faz meio que um gerenciamento das informações de todas as outras secretarias do município de São Paulo.

P - O que motivou você a participar do fórum?

R - O que me motivou a participar desse fórum é o que deveria ter motivado todo mundo a participar, eu acho que muita gente não está aqui pelo fato da grana e da informação mesmo, que eu acho que não foi tão divulgado, mas para mim é o interesse em preservar e ensinar às pessoas que cultura não é só isso que é produzido, não é só cinema, não é teatro, não é isso. Cultura é nosso hábito do dia a dia, é a maneira como você anda, como você se veste e talvez o ponto mais importante para mim é essa discussão sobre a biodiversidade, sobre a diversidade cultural, sobre as diferenças, aceitar e respeitar as diferenças; então eu vim aqui buscar a informação e poder discutir sobre alguns pontos que me incomodam um pouco.

P - E com o que você participou até agora do fórum?

R - Eu ontem assisti três palestras: a de abertura, com o Gil, o ministro, mas a palestra que mais me interessou ontem foi uma que falava sobre o imaginário coletivo, sobre as cenas urbanas e o imaginário, que eu achei muito interessante uma colocação que uma pessoa fez. Fizeram uma pesquisa: de que cor que você imagina a cidade de São Paulo? Isso está sendo feito em várias cidades, aí todo mundo diz o cinza, cinza, cinza, cinza; com base nisso ele foi lá e foi fotografar a cidade para ver se realmente a cidade é cinza como todo mundo diz. Só que o que o pesquisador encontrou foi totalmente diferente; além de diversas cores, ele encontrou nuances na mesma cor, então eu acho que de uma maneira mais ampla o imaginário das pessoas, o coletivo, tá tão contaminado por um sentimento meio de desilusão, uma coisa de perda, acho que falta esperança nas

peças. É por isso que a cidade acaba se tornando mais cinza mesmo, porque o povo acho que perdeu um pouco da alegria, aquela esperança, parece que tudo tá meio...

P - O social sugere a enxergar cinza a cidade.

R - É, já está pré concebido, e isso atrapalha muita coisa, é uma besteirinha, mas você pode colocar em tudo na cidade como um todo.

P - Você conhece alguma trabalho ligado à memória que você considera importante?

R - Olha, de cabeça assim eu não me lembro, mas tem um instituto, eu não vou lembrar o nome agora, não sei se é Bunge, eles me ligam, eles fazem um trabalho, eu vi um folder, que legal, memória, e agora eles tão me ligando sempre para umas palestras que falam da preservação da memória e tudo mais. Agora eu estou fazendo um trabalho que tem a ver com a memória, que é sobre a literatura oral. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre a cantoria, o repente, a cantoria de viola e os MCs; o que eu estou pretendendo fazer é o meu trabalho de conclusão de curso, eu quero resgatar alguns personagens da cidade de São Paulo que no meio deste monte de possibilidades comunicativas se comunicam com a palavra cantada em situação de performance, tem a troca do público e o cantador, que é uma tradição antiquíssima, e tem uma história que você se perde e não consegue achar mesmo. O que eu vou fazer: vou fazer um rádio documentário com a história destes personagens de São Paulo, dos repentistas e dos rappers, então de certa forma eu vou estar preservando esta memória, porque os momentos que eu vou estar gravando são situações únicas, porque é o improviso, então tudo envolve o momento, as pessoas que estão participando, se forem num festival, se forem lá na UCRAM, que é a associação dos cantadores, ou mesmo os rappers, se for num show ou numa balada. E isso se perde se alguém não tiver preocupação de registrar, isso vai ser um grande desperdício. Eu, por exemplo, se esses livros que eu estou consultando, Silvio Romero, Mário de Andrade, Francisco Coutinho, alguns outros, porque a pesquisa, que é a bibliografia, não é muito grande da literatura oral no Brasil. Se eles não tivessem registrado e transcrito esses versos e as impressões mesmo de momento - que aquilo ali não tem como você ler no papel, não é a mesma coisa que você está ali presenciando -, eu não podia estar fazendo o trabalho que eu estou fazendo hoje; para mim é de extrema importância o fato da preservação da memória...

P - Você trabalha com memória. Carolina, agora para encerrar, conta para gente alguma evento marcante que tenha acontecido com você na sua vida.

R - Deixa eu pensar, porque é algo em que a gente não pensa muito. Na verdade acho que eu nunca parei para pensar mesmo nisso, acho que todos os momentos são muito importantes, mas eu acho que eu particularmente estou num período, talvez, o mais importante da minha vida, esse período atual, não como um acontecimento. Eu estou terminando a minha faculdade agora, muitas coisas estão mudando, você não é mais café com leite, acabou o ano eu não vou ser mais tratada como estagiária, vou ter que lidar com o mercado de trabalho, concorrer com outras profissionais. Acho que esse é o momento mais importante para mim, eu estou numa transição... Mas o momento mais importante... Eu trabalhava com eventos, eu sempre trabalhei com eventos, antes disso eu trabalhei seis anos até aqui no Anhembi, muito com eventos, feiras, acho que um grande momento foi quando eu decidi parar de trabalhar com evento - e eu ganhava muito bem. Aí falei: "Não quero mais trabalhar, vou ficar sem trabalhar, não quero porque eu gosto de estudar, eu quero sair, passear, e com isso, apesar de ganhar dinheiro, o dinheiro não está me satisfazendo, porque eu não estou conseguindo fazer as coisas de que eu gosto." Aí fiquei meses sem trabalhar, puta da vida, porque estava sem dinheiro, mas tudo bem; aí fui acostumando, fui fazendo as coisas de que eu gosto, aí participei de um programa, eu e um amigo que é ator, o New, na Internet, na Aoltv; foi um momento bem legal também, que fez parte desta transição, foram oito meses, era um programa de cultura, era uma TV interativa, e aí acabou. Foi isso, essa decisão de parar de trabalhar e ganhar dinheiro para ficar sem trabalhar, e agora estou fazendo outro estágio para poder satisfazer algo que é muito mais que um luxo.

P - Carolina, muito obrigado pelo seu depoimento, até uma próxima vez.

R - Obrigada.(FIM)